

NOTA PRELIMINAR SOBRE AS REGIÕES PASTORIS DO BRASIL

Prof. OCTAVIO DOMINGUES

Catedrático de Zootecnia da
Escola Nacional de Agronomia

Em 1939, para atender à solicitação de alunos de um Curso de Zootecnia, dado na Sociedade Nacional de Agricultura, imaginei uma divisão do Brasil em SETE regiões, de acôrdo com a fisiografia, os recursos forrageiros, o gado criado e o estado de desenvolvimento da pecuária. E essas regiões seriam:

1.^a “Norte” — Compreendendo o Acre; no Amazonas — Rio Branco; no Pará — Marajó, Amapá e Salgado; os campos do Baixo-Amazonas, nos limites do Pará e Amazonas; e finalmente os campos do Maranhão.

2.^a “Nordeste” — Compreendendo o sertão criador do Piauí, Ceará, R. G. do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe e porção do norte da Baía.

3.^a “Centro-Norte” — Compreendendo a porção meridional da Baía, Noroeste de Minas Gerais e o Estado de Goiás.

4.^a “Centro-Sul” — Compreendendo as partes do Sul e do Sudeste de Minas, Espírito-Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

5.^a “Sul” — Compreendendo Paraná, Santa Catarina, Norte do Rio Grande do Sul.

6.^a “Fronteira” — Compreendendo a região meridional do Rio Grande do Sul, chamada mesmo “fronteira”.

7.^a “Mato-Grosso” — Compreendendo o Estado do mesmo nome, especialmente a porção meridional ou “pantanal”.

1.^a REGIÃO — “NORTE”

Compreende as seguintes sub-regiões: No Acre, os campos semi-naturais às margens do rio Acre, nos limites com a Bolívia; no Amazonas, os campos do Rio Branco, ao norte, e que se estendem até os limites com a Guiana Inglesa; no Pará, os campos naturais da ilha de Marajó, os do Amapá, na região do mesmo nome, e os do Salgado a nordeste do Estado; os campos que marginam o rio Amazonas, nos limites do Amazonas com o Pará, na região chamada do “Baixo-Amazonas”; e finalmente os campos dispersos no Oeste e no leste do Maranhão, sem formarem um todo contínuo.

Clima úmido, equatorial, temperaturas regulares, grande pluviosidade, com uma estação seca (verão), na qual só muito raramente chove ou há mesmo ausência de chuvas em pequeno trecho do ano.

É uma região toda ela escassamente povoada.

Nessa primeira zona, falando sempre de um modo geral, as pastagens são em sua maioria planas e alagadiças, com exceção das do Rio Branco (Amazonas) e as do Acre. Há abundância de gramíneas, deficiência de leguminosas. Pastagens naturais em sua maioria ou quasi totalidade. A plantação de forrageiras é relativamente pequena e o capim mais espalhado em cultura é o “de planta” (*Panicum barbinoide*, Trind.).

O sistema de criação é o francamente extensivo, salvo nas proximidades das capitais onde já há uma exploração semi-intensiva do gado leiteiro, mas na maioria das vezes ainda não bem racionalizada. Nela já se faz um pouco de profilaxia contra o carbúnculo hemático e o sintomático. O berno e os carrapatos não apresentam ou não constituem embaraço à criação nessa extensa zona.

A produção pecuária não é industrializada. Seus produtos são bois para carne; porcos para banha, em reduzida proporção; cavalos para montaria, e burros para carga; e final-

mente couro de Boi e ainda de Búfalo. Este último produto para exportação, e os outros para consumo interno.

Caracteriza-se sobretudo, porém, pela criação generalizada de bovinos, proporcionalmente grande, em relação às outras espécies. A criação de carneiros e cabras, por exemplo, é reduzidíssima, sendo mais encontradas nas sub-regiões do Salgado e do Estado do Maranhão.

Dos Bovinos são criados animais de sangue Criôlo e mestiços de Zebú, e da raça Turina. Tem havido introdução de reprodutores das raças Schwyz, Charolesa, Holandesa e de outras raças, mas ainda com pouco êxito; e de raças zebuínas Nelore e Indu-Brasil; principalmente nos últimos anos.

Dos Búfalos, são criadas as raças Cinzenta e Preta em pequena escala. Sobretudo sem muito entusiasmo.

Dos Equinos, criam-se Cavalos nativos, descendentes da mescla colonial primitiva Barbe-Arabe, mas tem havido introdução de um ou outro reprodutor Puro-sangue-Inglês, Anglo-Arabe, Barbe, e isto ultimamente, por via do fomento do cavalo de guerra promovido pelo Serviço de Remonta do exército. Da criolada, destacam-se os Cavalos do Baixo-Amazonas pelo porte e pelas qualidades: são os melhores animais de sela da região.

Dos Suínos há o porco "Baié" (variedade do *S. indicus*), o "Furão", forma degenerada do Canastra; mas foram importados reprodutores Polland-China, Berkshire, Duroc-Jersey e até "Casco de Burro", mas sem muito êxito.

2.^a REGIÃO — "NORDESTE"

Compreende as sub-regiões do sertão criador dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e do norte da Baía, e as do litoral, nas proximidades das capitais; estas porém muito limitadas, em relação às primeiras, tanto que na verdade são elas (as primeiras) que ainda caracterizam a região.

Clima sêco continental, irregular, com a ocorrência das sêcas em épocas não definidamente periódicas, contando-se até



39 anos de sêcas desastrosas, intercalando-se com inundações calamitosas, e com 32 anos sem sêcas. Duas são as estações e bem definidas — a do inverno ou das chuvas, e a do verão, sem chuva completamente. No litoral o clima é equatorial e úmido, sem o fenômeno das sêcas.

É uma região mais densamente povoada.

De um modo geral as pastagens aqui são planas ou quasi, mas às vezes meio-acidentadas, ora em vales de rio, ora em taboleiros, chapadas e ariscos, constituídas quasi sempre de caatingas e mesmo de capueiras. Os pastos são de plantas herbáceas — gramíneas e leguminosas, e ainda semi-arbustivas e mesmo arbóreas, de várias famílias. São pastagens naturais em sua maioria, constituídas por forrageiras tais como — o Mimoso, o Panasco, o Pé de Galinha, as Cactáceas (Mandacarú, Xique-xique, Cardeiro) e a Macambira; e entre as chamadas “ramas” — a Canafístula, o Joazeiro o Páu-Branco, a Faveira, o Mororó, as Melosas e outras. Cultivam-se principalmente o Capim de Planta e a “Palma”, além de outras forrageiras em escala muito reduzida.

Nela já há o emprêgo de forragens concentradas tais como o caroço, o “resíduo” ou torta de algodão, o milho, e em menor escala os farcros. E ainda a Mandioca e a Cana-de-açúcar menos generalizadamente. O caroço e mesmo o resíduo do algodão constituem o grande recurso do verão sêco e faminto, sem verde nenhum.

O sistema de criar é o extensivo e somente êle, no sertão, em campos indivisos em sua maioria. No litoral a criação já pode entrar na classificação de semi-intensiva, pois nela já se processa o arraçoamento do gado explorado para leite.

Cuida-se de defender o gado contra o surto de certas epizotias: vacinação contra o carbúnculo hemático e sintomático; e mesmo contra a diarréia dos bezerros.

A produção desta região é mais variada. Produzem-se animais para corte (bois, carneiros, chibarrs, capados); cavalos para sela e trabalho, e muares e jumentos para trabalho; queijo para consumo local, e pequena exportação para o sul; couros (de boi) e péles (de carneiro e cabra) para exportação exterior.

O que pode caracterizar esta região, em relação às demais são os seus Carneiros sem lã, as Cabras produtoras de pele e os Jumentos, inconfundíveis e abundantes.

Os tipos raciais criados são os seguintes:

Bovinos de raças nativas — Curraleira, Criôla, Malabar, Turina; mestiços de Holandês e Schwyz; assim como animais puros dessas raças, em escala reduzida. Tem havido introdução de reprodutores de mais outras raças tais como a Charolesa, Polled Angus, Red Polled, Hereford, Devon, etc. em ensaios de aclimação indireta, na mór parte.

Zebuinos — mestiços de Guserá, Nelore, Gir e ultimamente de Indu-Brasil, assim como animais puros dessas raças, ou pelo menos em processo de seleção.

Equinos — Cavalos criôlos, descendentes dos cavalos coloniais, com sangue Barbe-Arabe, dos quais há exemplares marchadores excepcionais, porém raros; mestiços de Puro-sangue de corrida, e também animais puros, salientando-se mesmo o Haras do Snr. Frederico Lundgren, de onde saíu um dos mais célebres campeões nacionais, o "Mossoró". De introdução recente temos o Criôlo do Rio Grande ou do Sul, o Mangalarga, o Bretão, o Anglo-Arabe.

Asininos — Jumentos nativos, de pequeno porte, mas notáveis pela sua resistência e sobriedade. Em várias épocas foram importados reprodutores de raça Italiana e Espanhola, Poitou, e recentemente o Pêga.

Caprinos — raças nativas, entre as quais convém salientar a Cabra de lombo preto (ou Moxotó). Criam-se também em pequenissima escala, mestiços de Toggenbourg, Nubiana, Murcia, Malteza e recentemente se pronuncia certo entusiasmo pela raça Angorá.

Ovinos das raças nativas zootecnicamente degeneradas porque perderam a função econômica primacial da espécie — a produção de lã, chegando mesmo a se constituir um novo

típo étnico o Carneiro deslanado de Morada Nova, de pêlo caprino. Criam-se ainda, em proporção insignificante, mestiços de raças importadas como a Romney Marsh, a Lincoln, a Bergamasca (esta em maioria) e Shropshire.

Suínos das raças comuns, nativas :Baié, Canastra, Furão, e mestiços e puros das raças Duroc-Jersey, Polland-China, Berkshire, Canastra, Pereira e outras.

3.^a REGIÃO — “CENTRO-NORTE”

Compreende aquela porção meridional do Estado da Baía, e que não pode ser incluída no “Nordeste” e a porção Noroeste de Minas, bem diferente em suas características pecuárias, da região seguinte, “Centro-Sul”, e ainda de todo o Estado de Goiás.

Trata-se de uma região de planalto, de clima mais doce, já com quatro estações mais definidas: primavera, verão (chuvoso), outono e inverno (sêco).

Ela se estende em regiões de pastagens naturais em sua grande parte, de feição levemente acidentada ou mesmo plana. Aqui já encontramos pastagens artificiais ou preparadas pelo homem, que se aproveitou da facilidade oferecida pelo meio, para isso. São pastos de gramíneas com o Gordura, o Jaraquá, o Sempre-Verde, o Guiné, o Colômbio e ainda algumas leguminosas dos gêneros Meibomia, Crotolaria, Stylosanthes, Zornia, Aeschynomene, etc.

O meio, pelo seu clima e pelas suas pastagens, é mais propício já, para a exploração de Bovinos, Equinos, Suínos e Asininos melhorados, ou pelo menos de maior rendimento. Aqui já se verifica preocupação dos proprietários em cuidar de suas fazendas, tendo desaparecido ou quasi o sistema de campos indivisos, havendo mesmo já certo cuidado com as pastagens.

A prática da vacinação do gado é usada.

O sistema de criação continua sendo o extensivo, e trata-se de uma zona produtora de animais de corte, mas já começa

nela a exploração leiteira. Além daquelas espécies, acima citadas, criam-se também Carneiros e Cabras.

A produção pecuária já começa a ser industrializada com a fabricação de queijo e manteiga. São produtos dessa região: Bois de corte para consumo interno (no país) e Bois magros e garrotes para re-cria e engorda, destinando-se aos frigoríficos; porcos, carneiros e bodetes para consumo local, assim como capados gordos para frigorífico; peles e couros; cavalos para montaria, cavalos e muares para trabalho.

Caracteriza-se pela naturalização das raças zebuinas, com o melhor êxito operada na sub-região do chamado "Triângulo Mineiro".

São os seguintes os tipos étnicos criados:

Bovinos das raças nativas, com mais ou menos sangue indiano, constituindo a massa da população dessa espécie. Zebuinos puros e mestiçados das raças Gir, Nelore, Guserá e mais recentemente de Indu-Brasil em formação. Devem ser citados ainda os mestiços de vários graus de sangue e indivíduos puros das raças européias: Holandesa, Charolesa, Schwyz, Polled-Angus e outras.

Equinos criôlos descendentes do cavalo colonial de filiação Barbe-Arabe, salientando-se as raças Campolina e Manga-larga em fase de seleção. Há ainda mestiços de Puro-sangue-Inglês.

Asininos comuns, tendo-se verificado a introdução de Jumentos italianos para a produção de muares.

Do grupo dos Suinos devem ser citados os porcos da raça Canastrão, Canastra, Piau e outras. Além disso mestiços e animais puros das raças Duroc-Jersey, Polland-China, etc.

Carneiros e Cabras comuns, criados aqui, ainda, mais para a produção de peles, e ainda o carneiro italiano "Bergamasca" e a cabra Angorá, ambos em ensaios de aclimação.

4.^a REGIÃO — “CENTRO-SUL”

Compreende os campos de criação do Estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e a porção sul e sudeste de Minas Gerais.

É uma zona de clima de planalto, com as quatro estações devidas até certo ponto, e com inverno ameno e sem chuvas, e verão chuvoso e quente, e na qual mais se acentua a melhoria das condições do meio para a criação. Pastagens naturais ou preparadas, na maioria mais ou menos acidentadas, distribuídas na Mantiqueira, vale do Paraíba, Serra do Mar, Oeste de São Paulo. As forragens constituintes dos pastos são na maioria de capim Gordura e Jaraguá, e em pequenas porções de Colômbio e outros. Já há cultura de outras forrageiras para a alimentação do gado, inclusive Cana de Açúcar e Mandioca, e ainda o Milho que vem sendo aqui utilizado (embora em pequenissima escala) também para silagem, prática adotada nessa zona, na qual já se conta um bom número de silos — o maior dentre todas as regiões pecuárias.

Devido à presença de centros industriais já se registra a utilização, em maior escala, de alimentos concentrados — farelos diversos, tortas, fubá, refinazil. Por isso deve-se salientar que o sistema de criação aqui adotado já é mais adiantado, e onde encontraremos uma pequena minoria de animais mantidos em regime semi-intensivo, no intuito de proceder-se a uma correção da deficiência das pastagens, e até certo ponto, do clima.

Nesta zona, que é de agricultura algo adiantada, a criação do gado serve como fator de progresso para a lavoura, em certos casos, fornecendo o adubo orgânico útil na refertilização das terras. Aqui temos o emprêgo dos animais domésticos como motores vivos, sejam muares, sejam bovinos. Nesta zona verifica-se o fenômeno interessante da agricultura brasileira, que é a substituição dos cafésais por pastagens em geral para criação de gado leiteiro.

Trata-se de uma região de pecuária mais leiteira, na sua maior extensão, assim como de criação de reprodutores, e ainda de engorda e acabamento de novilhos para o matadouro.

Nela já se pode registrar um surto da avicultura industrial.

Será quasi desnecessário dizer que as medidas profiláticas são applicadas em maior escala do que nas anteriores regiões, podendo-se mesmo dizer que a concentração de banheiros carrapaticidas é aqui maior.

A produção pecuária é principalmente a de laticínios: manteiga, queijo e demais sub-produtos, mas há nela, também, o acabamento e mesmo a formação de boiadas para consumo interno e para frigoríficos; e ainda capados gordos para industrialização, e carneiros e cabritos para consumo interno. Regista-se também a produção industrial de ovos, que não ocorre ainda nas outras zonas, e destinados parcialmente à exportação. Produzem-se ainda cavalos de sela e muares para trabalho; pequena produção de lã, de seda, mel e cêra de abelha. Devido aos frigoríficos há a industrialização de certos produtos pecuários — carne em conserva, extrato de carne e demais sub-produtos.

Pela variedade e valor dos produtos arrolados pode-se deprender logo da atividade e progresso relativo a indústria pastoril dessa região.

Os tipos raciais encontrados aqui alcançam uma grande variedade.

Entre os Bovinos, criados nesta região, temos, como nas outras, a criolada com sangue Caracú ou azebuada. A criação de reprodutores das raças melhoradas, em fase de aclimação ou já aclimadas é regularmente desenvolvida, citando-se as raças: Holandesa, que constitue o rebanho mais numeroso de mestiços em exploração leiteira, a Holstein-Friesian, a Schwyz, a Jersey, a Guernsey e ainda a Simmenthal, a Red-Polled, a Normanda, a Ayrshire. Caracteriza-se ainda porque nela é onde estão sendo selecionadas duas raças brasileiras — a Caracú e a Mocha.

A criação de zebuinos está em plena fase de entusiasmo, havendo rebanhos puros e mestiços de Gir, Nelore, Indu-Brasil, Guserá.

Os Equinos estão aqui bem representados pelas raças brasileiras Mangalarga e Campolina. Das raças estrangeiras existe criação, em mais larga escala, do que nas outras re-

giões, do cavalo Puro-sangue de corrida, e ainda, porém menos significativamente, de Anglo-Arabe, Arabe, Bretão.

Os Asininos mais importantes são os da seleção “Pêga” e “Paulista”, recentemente reunidos oficialmente em uma única raça com o nome de Jumento Brasileiro. Criam-se também reprodutores das raças italiana e espanhola.

Dos Suínos, os tipos étnicos predominantes são os porcos brasileiros — Canastrão, com padrão racial estabelecido, Canastra e mais ainda o Canastra-Pereira, o Piau, o Pirapitinga, o Nilo-Canastra, o Tatú. Das raças estrangeiras sobresaem-se a Duroc-Jersey, a Polland-China, a Middle-White, a Edelschweine, a Essex Saddle-Back, a Hampshire, a Berkshire.

O rebanho de Carneiros ainda é constituído pela criolada, mas há o emprêgo de reprodutores das raças Romney-Marsh, Shropshire e outras.

A mesma coisa acontece com os Caprinos. O grosso constitue-se de criôlos, mas há também mestiços e puros de Toggenbourg, Nubiana, Murcia e outras.

Uma espécie que já pode ser citada no rol das outras, pelo surto industrial de sua criação, e a Galinha, explorada já industrialmente, e a raça utilizada é a Legorne branca. Há ainda criação de outras raças, porém sem uma significação econômica suficiente.

5.^a REGIÃO — “SUL”

Compreende os campos naturais ou preparados, que se intercalam com as terras agricultadas, nos Estados do Paraná e Santa Catarina, e a porção serrana do R. G. do Sul, onde já se depara um clima temperado doce, pois já não se está mais entre os trópicos. Isto favorece muito as possibilidades da pecuária, donde o gado ser mais raciado, de maior valor e melhor rendimento.

Com exceção da sub-região da Serra (R. G. do Sul) não há aqui propriamente grandes áreas naturais ininterruptas, capazes de servirem a uma pecuária em alta escala. Mas o favor do clima e o surto progressista, nas colônias agrícolas

da região, permitiram que se desenvolvesse uma indústria pastoril mais rendosa, notadamente de gado leiteiro e de suínos. Na verdade, as pequenas propriedades rurais, dessas colônias estrangeiras de Santa Catarina, Paraná e R. G. do Sul, são pequenos núcleos de bôa pecuária, a salientar num estudo como êste. Nelas há a exploração de gado leiteiro, com o complemento da indústria de laticínios e a exploração industrial dos Suínos. O clima ainda vem favorecendo a criação de Ovinos e Caprinos melhorados, êstes últimos em muito menor quantidade.

As pastagens da região são naturais e algumas artificiais, tomadas à mata, sucedendo à agricultura, sendo estas às vezes melhores do que aquelas. E assim verifica-se a cultura de cereais e forrageiras para o gado. São pastagens planas ou mais ou menos acidentadas, em sua maioria de altitude, e constituídas por gramíneas do gênero *Paspalum*, *Axonopus*, etc. e leguminosas dos gêneros *Trifolium*, *Asdesmia*, etc.

Nesta região a produção é caracteristicamente de exploração leiteira e de suinocultura: queijo, manteiga, banha, capados gordos, produtos de charcutaria. E mais ainda bois de corte, couros, lã, peles, mel, cêra; e finalmente cavalos e muares para trabalho.

Os tipos étnicos disseminados são já bem apreciáveis pelo seu rendimento econômico. Entre os Bovinos há a criolada, mas encontram-se numerosamente mestiços de raças melhoradas, ao lado de animais puros, das seguintes raças: Holandesa, Schwyz, Normanda, Red Polled, Jersey, Guernsey, Polonesa vermelha, Oldenburguesa (leiteiras) e a Charolesa, Polled Angus, Devon, Hereford, Shorthorn (de corte).

No grupo dos Equinos temos os cavalos criólos comuns, e a raça brasileira Criôla, propriamente, e puros e mestiços do cavalo Inglês-de-corrída, e ainda cavalos de tiro, característicos desta região, onde são empregados em trabalhos agrícolas, e transporte de produtos da agricultura.

Dos Suínos são criados animais puros e mestiços da raça Duroc-Jersey, Pollan-China, Berkshire e porcos comuns, não raciados.

Entre os Ovinos criam-se puros e mestiços das raças — Romney-Marsh, Merina e Cara Negra. Pode-se citar ainda o Karakul, como tentativa de aclimação.

De Asininos há Jumentos comuns e da raça Catalã e Italiana.

6.^a REGIÃO — “FRONTEIRA”

Em extensão essa é a menor zona pastoril, de nossa divisão, todavia é nela que vamos deparar com o rebanho mais valioso, constituído, na sua quasi totalidade, de raças melhoradas. Suas pastagens são naturais, e em geral muito planas ou levemente onduladas, formadas de ervas em sua totalidade. De essências florestais, o que existe são bosques ou massiços de eucalitos, plantados pelo homem, e que conferem à paisagem uma fisionomia própria, quebrando um pouco a monotonia dos pampas. Mesmo nos cursos d'água, nas sangas, a vegetação arbórea é por demais sóbria, podendo ser considerada como inexistente.

Trata-se de uma zona pecuária a mais adiantada do Brasil, característica de gado de corte e de laníferos, o que decorre de um clima apropriado — temperado doce, com invernos chuvosos, e de suas ricas pastagens de gramíneas e leguminosas.

A criação de Bovinos é a mais importante porque é constituída de animais altamente raciados, e de matrizes excelentes das raças de corte aclimadas na região. A de Ovinos é muito desenvolvida também, embora carecendo de ser modificada na parte referente à defesa dos rebanhos. A criação de Equinos é bem cuidada, porém em menor escala, assim como a de Jumentos para a produção de muares. Os Caprinos são em número muito menor. A de Suinos está também valiosa e desenvolvida.

As pastagens são excelentes, favorecidas por um clima adequado e um solo rico, na maioria das vezes, e constituídas pelas seguintes forrageiras, entre as mais vulgares: Flexilha, Forquilha, Pé de Galinha, Milhã, Treme-treme e o variado

grupo dos Trevos. Já se cultivam intencionalmente a aveia, o centeio, o azevem, a alfafa, trevos diversos para arraçoamento do gado.

Os animais, mesmo de puro sangue são criados no campo. Só os reprodutores é que vivem em regime de galpão.

A pecuária tem aqui, como uma de suas atividades mais importantes, e que a caracterizam, a produção de reprodutores de raças melhoradas e já em alto grau de aclimação. Sua produção mais característica é a de gado de corte, bois e capados gordos para frigorífico, e bois para xarqueada. Sua exportação é de carne, carne conservada, xarque, banha, couro, lã, peles. E ainda há a produção de cavalos e muares, e de reprodutores das espécies criadas.

Seus tipos raciais são os mais apurados do Brasil, dentro das raças de corte: Hereford, Shorthorn, Polled-Angus, puros e mestiços, e ainda Devon, Charolês. Criam-se também raças mistas e leiteiras, tais como: Red-Polled, Normanda, Jersey, Guernsey. A criolada constitue uma porcentagem reduzida, pois mesmo os bois de trabalho e carro são raciados.

Dentre os Equinos há que salientar a raça Criôla, que é realmente um tipo étnico notável pelas suas qualidades, tendo-se em vista sua utilização particular (cavalo campeiro e para caminhadas longas) e sua comprovada fixidez de caracteres como nenhuma outra raça de equinos brasileiros. Criam-se também animais puros e mestiços da raça Arabe, Puro-assngue de corrida, Anglo-Arabe.

As raças Ovinas da "Fronteira" são a Romney-Marsh, constituindo a grande maioria; seguem-se os Merinos, Southdown, Shropshire, Lincoln, Corriedale, Ryeland e ainda Ideal ou Pollwarth. Os criadores costumam operar a cruza entre o Romney e o Merino para obter determinados tipos de lã, afim de satisfazer a certas exigências do mercado.

Os Suínos criados são os comuns, e mestiços e puros das raças Duroc-Jersey, Polland-China, Berkshire, Yorkshire.

7.^a REGIÃO — “MATO-GROSSO”

Compreende a região meridional do Estado de Mato-Grosso, chamada do pantanal, largamente utilizada para a criação de bovinos, principalmente, e também de equinos, jumentos e muares.

É uma zona muito característica pelos seus campos naturais extensos e parcialmente alagados, e seu clima sub-tropical com uma estação fria e seca (sem chuvas) e com temperaturas altas no verão chuvoso.

O sistema de criar é o mais extensivo possível, quasi limitando-se o homem ao trabalho da “colheita” dos bois para serem invernados. Essas pastagens são constituídas de gramíneas e ciperáceas, e ainda leguminosas, em geral úmidas, pouco próprias para a criação de Ovinos e Caprinos, e mesmo para animais melhorados de outras espécies criadas. Não quer isso dizer que tais campos não sirvam à exploração pastoril, porquanto neles se criam e multiplicam facilmente bovinos das raças nativas, e equinos e porcos também de raças criôlas.

A feição da região é plana, banhada de rios e aguadas rasas. As forrageiras mais comuns são gramíneas: capim Flexinha e Flexa (ambos do gênero *Tristachya*), algumas do gênero *Panicum*, e ainda *Paspalum*, *Eragrostis*, etc. Das Leguminosas citam-se as *Meibomias*, *Crotolarias*, *Stylosanthes* e outras.

Os Bovinos criados são das raças Pantaneira, China, Cuibana, e mestiços dessas raças com sangue indiano, os quais se apresentam com melhor pêso e pois, melhor rendimento. As tentativas de introdução de raças de corte melhoradas não deram resultados. Recentemente o govêrno federal passou a se preocupar com o estudo de cruzamentos realizados *in-loco*, entre reprodutores das raças de corte melhoradas e fêmeas criôlas azebuadas da região.

Os produtos da região são o boi em pé destinado às invernadas de São Paulo, xarque, couro e demais sub-produtos. Criam-se ainda Cavalos para montaria, de raça comum, e ainda muares também exportados para fora do Estado.

NOTA — 1 — Não querendo retardar mais a publicação destas observações, fixadas em suas linhas gerais, em aulas do Curso do Aperfeiçoamento e Especialização, em zootecnia, da E. N. A. sai êle sem o seu complemento indispensável, que vem a ser a população animal, de cada região; isto porque, processando-se agora a apuração do recenseamento realizado em 1.º de setembro de 1940, tudo o que atualmente se disser, sôbre estatística do Brasil, torna-se desinteressante, pois só poderá ter como apóio dados em véspera de obsoletos.

2 — Absolutamente não imagino ser esta uma obra perfeita e completa. Considero-a apenas como uma simples tentativa de divisão das regiões pastorís do Brasil, tendo por base elementos de natureza geral, e que poderá servir, pelo menos, como contribuição ou ponto de partida para um estudo mais pormenorizado e desenvolvido do assunto.

3 — A divisão proposta nada tem de rígida e imutável, sendo o resultado de minha observação no momento, na atualidade, devendo ser muito natural que daqui a anos, com a evolução dêstes ou daqueles núcleos pastorís, possa haver modificação nas lindes agora estabelecidas (fatalmente no sentido de uma simplificação), porquanto a base da divisão não é constituída apenas por fatores de natureza, fisiográfica, mas também por outros de natureza económica e de ordem étnica.

4 — A inclusão do Maranhão na 1.ª região («Norte») me pareceu menos errônea do que incluí-lo no «Nordeste». Esse Estado verdadeiramente é um ponto de transição entre a Amazônia e o Nordeste, porém se assemelha muito mais, na sua economia pastoril, ao Pará, do que ao sertão criador nordestino: a alagação dos campos baixos, no inverno, o regime de chuvas, a formação dos campos são característicos comuns entre a zona nordeste do Pará e alguns núcleos pecuários maranhenses.

5 — No acabamento dêste trabalho tive a colaboração dos técnicos que em 1939-1940 constituíam a turma do C. A. E. na carreira de zootecnista, os quais forneceram excelentes informes que me permitiram melhor caracterizar as regiões delimitadas. Aqui deixo por isso consignado o meu agradecimento aos mesmos, extensíveis ainda ao dr. Nelson Maia que me prestou esclarecimentos sôbre o assunto.

6 — Convencido como eu estou de ter feito um trabalho não acabado serei, muito grato aos que quiserem contribuir, com seus conhecimentos, para ajudar a corrigir falhas ou omissões que depararem, nos pormenores da distinção e estabelecer entre as sete regiões da pecuária brasileira, assim como oferecer elementos para a perfeita delimitação de certas zonas; sem limites ainda, por lhes faltarem os limites políticos.

7 — Finalmente devo informar que, com exceção da 7.ª região («Mato-Grosso»), conheço tôdas as outras em sua maior extensão, por viagens empreendidas ao sul, ao Nordeste, á Baía, á Minas Gerais, ao Estado do Rio, e por ter residido no Maranhão, no interior de São Paulo e do Pará.